

# **Prática docente no ensino superior: docência reflexiva para uma educação emancipatória**

Teaching practice in higher education:  
reflective teaching for an  
emancipatory education

**Lúcio Mendes Ribeiro**

[luccio@gmail.com](mailto:luccio@gmail.com) - Universidade Estácio de Sá

**Thalyta Cavalcante Alencar**

[thalytcalencar@gmail.com](mailto:thalytcalencar@gmail.com) - UFPE

## Resumo

O artigo reflete sobre o perfil e o papel do docente no ensino superior, partindo da perspectiva de uma educação emancipatória, com um recorte específico com foco no tema "Educar para a vida". Isto posto, a sua proposta principal é traçar um paralelo entre a controversa obra do músico brasileiro internacionalmente reconhecido, Tom Zé, e quais seriam as suas contribuições no sentido de estimular o trabalho dos docentes rumo a um novo modelo de educação, que preze a liberdade, autonomia e criatividade. Em princípio, pode parecer incongruente a escolha de um personagem que não possui o rótulo de educador nos seus trabalhos, porém, a escolha ganha força em função da originalidade e singularidade da obra do artista, características estas que vão diretamente ao encontro de uma educação emancipatória proposta aqui. Junto ao estudo de caso de uma obra do artista o texto traz uma pequena revisão bibliográfica sobre os temas que permeiam a docência no ensino superior, tomando como referência principalmente as ideias de Paulo Freire. Conclui que a prática docente do ensino superior no âmbito da universidade brasileira carece de maturidade pedagógica e que a arte de educar exige do docente posturas muitas vezes similares a dos artistas. Para tanto, é imprescindível que se tenha a sensibilidade de perceber que a produção do conhecimento só acontece plenamente em ambientes que não cerceiem a liberdade criativa dos seus pares. Refletir sobre estas questões possibilita ao docente assumir uma postura crítica e reflexiva diante do ato de educar.

**Palavras-chave:** Docência no Ensino Superior. Educação Emancipatória. Docência Reflexiva.

## Abstract

This paper reflects on the profile and role of teaching in higher education from the perspective of an emancipatory education, with a specific view with focus on theme "Education for life". Therefore, its main purpose is to develop a parallel between the controversial work of the internationally renowned Brazilian musician Tom Zé, and what their contributions would be to stimulate the work of teachers to a new model of education which self-respecting freedom, autonomy and creativity. In principle, it may seem incongruous to choose a character that does not have the educator label in its work, however, the choice becomes relevant due to the originality and uniqueness of the artist's production, characteristics that go directly to meet an emancipatory education proposed at this work. In addition to the case study on one of artist's work, the text brings a small literature review on themes that permeate teaching in higher education, with especial reference to Paulo Freire's ideas. It concluded that the teaching practice of higher education within the Brazilian university lacks maturity and the art of education requires the teaching positions are often similar to the artists. Therefore, it is essential to have the sensitivity to realize that the production of knowledge occurs only in environments that do not fully constrain the creative freedom of their peers. Reflecting on these issues enables the teacher to take a critical and reflective attitude towards the act of educating.

**Keywords:** Teaching in Higher Education. Emancipatory Education. Reflective Teaching.

## **I**ntrodução

A prática docente no ensino superior, no contexto da universidade brasileira, apresenta-se como um tema profundamente complexo e repleto de variantes que exercem influência na forma como a mesma é vivenciada. O docente, embora seja, junto ao aluno, uma figura essencial no processo de aprendizagem, ainda não recebe durante sua qualificação o necessário incentivo a uma formação pedagógica mais completa, independente de títulos acadêmicos.

Posto isto, o presente artigo objetiva realizar uma exploração, a partir de um levantamento bibliográfico junto à análise de uma obra do músico e compositor Tom Zé, pretendendo evidenciar a sua importância no sentido de estimular o docente do ensino superior a romper com o modo tradicional do exercício da prática e fazê-lo refletir sobre uma nova prática, voltada para o reforço da criatividade e autonomia do aluno e não na sua domesticação a uma metodologia de pura repetição, que o priva de desenvolver sua capacidade criativa e, dessa forma, contribuir para a construção de um conhecimento que possa ser compartilhado e utilizado pelo conjunto da sociedade.

A metodologia do trabalho está focada em uma pesquisa bibliográfica envolvendo um estudo de caso. Quanto à natureza, pode-se considerá-la como uma pesquisa básica, objetivando gerar conhecimentos sem a aplicação prática imediata, porém, envolvendo um tema de interesse universal no campo acadêmico, que é a problemática da docência no ensino superior. Sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema optou-se pela pesquisa qualitativa, posto que, a mesma considera a existência de um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, não captável em médias e estatísticas. Os procedimentos técnicos utilizados baseiam-se especificamente em pesquisa bibliográfica, tomando como base um estudo de caso da letra de uma das músicas do referido compositor (Tom Zé): a música “Tô”.

O texto inicialmente traz uma pequena revisão do cenário atual da docência, suas práticas e desafios, e explora algumas correntes pedagógicas e suas diferentes abordagens teóricas. Em seguida discute como as instituições de ensino tornaram-se aparelhos ideológicos reguladores dos valores impostos na sociedade vigente e se perderam no caminho do verdadeiro sentido da educação, sendo esta libertária, emancipatória. Na defesa desse modelo de educação, apresenta-se em seguida uma forma de ensino mais humana e dinâmica.

Para ilustrar essa nova forma de pensar a educação, o estudo volta-se para Tom Zé, enquanto um artista que foge das rotulações e enquadramentos que tentam, sem

sucesso, institucionalizar a sua arte. Nesse sentido, é feito um estudo de caso da sua música “Tô” e a importância que esta pode assumir para a educação. O trabalho conclui com algumas considerações de como é urgente emergir um novo pensamento que integre educador e educando num processo de igualdade e crescimento mútuo.

## **Docência no ensino superior: desafios e práticas**

O compromisso com a construção do conhecimento tem como sujeito central a figura do docente. Portanto, o presente trabalho, quer seja de forma direta ou indireta, tratará dos desafios e práticas com os quais essa figura se depara na difícil tarefa de ensinar. É importante evidenciar que, mesmo sendo a figura central desse processo, o docente representa apenas uma parte da equação que, sem a figura do discente, não teria razão de existir, pois ambos se complementam numa interação dialética no caminho da busca do ensinar/aprender e aprender/ensinar, conscientes que, como revela Paulo Freire, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 12).

Contextualizar a construção do conhecimento na docência superior, no entanto, não é tarefa fácil, haja vista a imensa quantidade de elementos envolvidos nesse processo. Em princípio, pode-se elencar algumas temáticas como, por exemplo: qual o papel da universidade como agente produtora de conhecimento na nossa sociedade atual? Como está sendo realizada a formação do professor universitário e quais são os compromissos do mesmo para com a construção de uma identidade própria que venha a caracterizar este profissional? Acrescente-se a isto a extraordinária revolução tecnológica por que passamos nas últimas duas ou três décadas e teremos um panorama sucinto dos grandes desafios que se colocam na produção e construção do conhecimento em nossos dias, principalmente no que se refere ao conhecimento que se pretende produzir no ambiente da universidade.

É importante que o professor, na sua prática da docência superior, parta de uma perspectiva sócio-histórica, ou seja, tenha em mente que a transmissão, assimilação e construção dos saberes são frutos de interesses e necessidades produzidos pelo homem em um determinado contexto histórico-social, no que diz respeito ao fazer docente.

Um outro ponto que deve ser considerado, refere-se à formação do docente. Atualmente, têm aumentado nas universidades a valorização exacerbada às qualificações do docente no que tange aos aspectos técnicos e acadêmicos, ou seja, quanto maior o número de titulações, mais qualificado o docente estaria para exercer a função de

professor. É evidente que as qualificações citadas têm importância e papel relevantes, porém, há de se ressaltar também o valor da formação didático-pedagógica para o exercício da docência no ensino superior, pois esta fornece o embasamento necessário para a interação nas relações interpessoais entre os docentes e discentes no processo de ensino-aprendizagem.

Neste cenário, “as universidades contam com um corpo docente composto em sua maioria, de principiantes na docência do ensino superior que nunca tiveram contato com uma formação pedagógica” (VASCONCELOS/ AMORIM, 2008, p.4). Portanto, a necessidade de qualificação do professor deve abranger não somente o aspecto técnico/acadêmico, mas também, uma qualificação voltada para uma perspectiva didático-pedagógica que diminua as distâncias e barreiras há tanto tempo impostas ao professor e ao aluno, e entre este e o conhecimento de fato.

Com base nessa perspectiva, faz-se necessário uma observação mais apurada no que se refere à formação do professor universitário. Diferente dos outros graus de ensino, a docência no ensino superior, muitas vezes, constitui-se de professores que exercem e/ou exerceram outra profissão paralela no mundo do trabalho. Na verdade, “profissão paralela” não seria o termo mais adequado a ser empregado neste caso, visto que, em certos casos, esta seria a sua profissão principal. Nestes casos, a docência no ensino superior é que seria a “profissão paralela”. Ou seja, uma parcela dos docentes do ensino superior não possui dedicação exclusiva ou exerce esta profissão apenas como um complemento para os rendimentos da profissão principal.

A constatação desses casos gera na prática da docência do ensino superior sérias dificuldades, como, por exemplo, para tecer relações interpessoais de crescimento mútuo, na construção de uma identidade própria para o professor universitário e a formação didático-pedagógica para que se possa exercê-la com autenticidade.

Diante do que está posto, é notável o grande desafio que as universidades devem enfrentar no sentido de assumir uma postura na defesa de um maior investimento para a formação efetiva de seu corpo docente. Formação esta que deverá compreender tanto os aspectos técnicos quanto os pedagógicos, pois ambos são indissociáveis. E o desafio é também do docente em se adaptar as mudanças, adotar uma nova postura e construir outras práticas na construção do conhecimento, tendo uma formação continuada e integral. É importante ressaltar também que a concepção de formação do professor (não somente o universitário, mas em qualquer grau de ensino) não é neutra, portanto, faz-se necessária uma análise a partir de uma perspectiva não meramente técnica, visto que a

pesquisa sobre a formação de professores parte do pressuposto da não neutralidade. Desta forma, a busca pelo resgate da identidade do professor universitário deve concebê-lo como um sujeito ativo, inserido em um contexto social, histórico, cultural e político.

## Diferentes abordagens teóricas no campo da didática

De acordo com Esther Grossi e J. Bordin (CEDERJ, p.2), “[...] atrás de todo gesto que tem por objetivo levar à aprendizagem há inexoravelmente uma opção teórica, mesmo se ela não é explícita”. Com esta afirmativa, pretende-se agora introduzir alguns apontamentos sobre as diferentes abordagens teóricas que permeiam o universo pedagógico no campo da didática. Entendendo que adotar, quer seja intencional e conscientemente ou não, concepções e práticas marcadas por qualquer que seja a perspectiva pedagógica, significa optar por que educador se quer ser, que projeto educativo deseja-se construir e, que tipo de sujeito pretende-se ajudar a formar.

Partindo desta perspectiva, optou-se inicialmente por apresentar as diferentes abordagens teóricas em quatro categorias. Cientes, no entanto, de que toda tentativa de categorização e/ou classificação acaba tornando-se artificial ou arbitrária. Faz-se necessário, portanto, ressaltar que, não existe uma teoria capaz de abordar todos os níveis de complexidade do comportamento dos indivíduos no que diz respeito às situações de ensino-aprendizagem. Daí a importância em se evidenciar o caráter parcial das correntes pedagógicas abordadas nesse estudo.

Para efeito puramente didático classificam-se as abordagens teóricas em: **Tradicional; Escolanovista; Tecnicista e, Crítica.**

**Abordagem Tradicional:** Em linhas gerais, a abordagem tradicional procurou definir um método em que se pudesse ensinar tudo a todos. Esta é a Didática Tradicional, “cuja grande contribuição é ter chamado a atenção para a organização lógica do processo de ensino-aprendizagem, nos seus aspectos mais gerais.” (CEDERJ, p.4, apud CANDAU, 1998, p.29).

A perspectiva tradicionalista de educação entende que a didática deve estar voltada para a divulgação dos conteúdos de ensino, com fim em si mesmo. Ou seja, valoriza-se o conteúdo pelo conteúdo.

Nessa tendência, o processo de ensino-aprendizagem concebe o professor como a figura central, assumindo uma postura autoritária e privilegiando a exposição oral sobre qualquer outro procedimento de ensino. Dessa forma, o aluno é concebido como um receptor passivo dos conteúdos que lhe serão ensinados, devendo apenas depositar todo

o conhecimento transferido pelo professor. Aspectos importantes como, por exemplo, as diferenças culturais dos sujeitos que participam do processo de ensino-aprendizagem (professores e alunos) não são consideradas, ou poucas vezes abordadas.

Para a visão tradicionalista da educação, as tarefas escolares obedecem a um padrão, enfatizando-se os exercícios, as repetições e memorizações. Nessa abordagem, a avaliação tem por finalidade verificar o produto da aprendizagem, através de provas que apenas provam a quantidade da reprodução do conteúdo ensinado. Segundo MIZUKAMI (1986, p.4): “A Didática Tradicional se resume em dois aspectos: dar a lição e tomar a lição”.

**Abordagem Escolanovista:** A Escola Nova é um movimento que surgiu para enfatizar o caráter dinâmico do conhecimento que se constrói a partir da atividade humana, entendendo o mundo como algo a ser transformado a partir da ação dos sujeitos.

A pedagogia focada na abordagem Escolanovista compreende que a sociedade se constrói a partir do processo individual e que cada indivíduo é responsável direto pelo seu sucesso e/ou fracasso. Nessa abordagem, o professor deixa de ser o centro do processo de ensino-aprendizagem, deslocando o aluno para o centro da ação educativa.

Enfatiza-se, assim, o papel do aluno como um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos a serem ensinados são construídos a partir das experiências dos alunos, em função do seu contexto, de seus interesses e necessidades. No processo de aquisição do conhecimento, o importante é aprender a aprender. A prática pedagógica Escolanovista concebe o professor como um facilitador para o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno.

De acordo com tal abordagem, o professor deve organizar, orientar e estimular as atividades, num clima de camaradagem, respeito e afeto mútuo, gerando assim uma harmonia em sala de aula capaz de estimular o diálogo, a criatividade e a constante participação dos alunos em todo o processo de ensino-aprendizagem. Com relação à avaliação, essa tendência leva em consideração o esforço e o êxito de cada aluno, em que o professor deve conceber um enfoque com maior ênfase no processo do que mesmo no produto da aprendizagem.

**Abordagem Tecnicista:** O Tecnicismo surgiu como tendência pedagógica em meados do século XX, com o crescimento da sociedade industrial, fortemente calcada no desenvolvimento tecnológico. Na abordagem Tecnicista, os meios passam a ser o foco, como forma de garantir os resultados do processo de ensino-aprendizagem.

O planejamento didático com base nesse modelo estabelecia os objetivos de forma bem operacionalizada. Os conteúdos valorizados eram os de caráter científico, exigidos para a capacitação profissional em uma sociedade industrial e tecnológica. A Didática, na tendência Tecnicista, enfatizou o caráter prático/técnico do ensino, desconsiderando, como nas tendências anteriores, os condicionantes sociais.

A abordagem ou pedagogia Tecnicista, “advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional”. (SAVIANI, 2009, p.15), tendo presente o pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade.

Nesse caso, a escola está orientada a promover processos que visem à aquisição dos conhecimentos e comportamentos exigidos pela sociedade – mais especificamente, pelo mercado de trabalho – tendo em vista o objetivo de aumentar a sua produtividade e eficiência. Nessa tendência, o educador é concebido como um “gerente” do processo instrucional. Professores e alunos são vistos como partes de um sistema e, a relação entre eles, em geral, é mediada por recursos das novas e avançadas tecnologias que têm um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem.

**Abordagem Crítica:** A tendência pedagógica com base na abordagem Crítica, também denominada como sociocultural, político-social ou ainda pedagogia progressista, compreende a educação inserida num contexto de relações sociais, onde convivem interesses antagônicos entre as classes sociais, atribuindo-lhe assim, finalidades sócio-políticas dentro de um projeto histórico-social.

De acordo com essa tendência, só existem seres humanos concretos situados num contexto econômico, cultural, político e histórico.

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre o seu ambiente concreto: quanto mais reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, torna-se progressiva e gradualmente, plenamente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. (FREIRE, 1986, p.2, apud MIZUKAMI).

Nessa perspectiva, o homem cria e recria a cultura, resultado de sua atividade, na medida em que se integrando no seu contexto de vida, reflete sobre as condições desse contexto e responde aos seus desafios. “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem histórico-sociais.” (FREIRE, 1987, p.52).

Para finalizar o tema das abordagens teóricas no campo da didática, faz-se necessário alertar para a importância da consciência política que todo educador (quer seja ele docente do ensino superior ou não) deve ter, pois, esta consciência vai refletir



diretamente na produção do seu trabalho cotidiano. “A educação é um ato político. Um ato que sempre é praticado a favor de alguém, de um grupo, de algumas ideias e, conseqüentemente, contra outro alguém, contra outro grupo e contra outras ideias”. (CEDERJ, p.3, apud FREIRE, 1988.).

## O aparelho ideológico das instituições de ensino

Para que se compreenda bem o papel do docente, é importante contextualizar historicamente as instituições de ensino, tendo em vista ser esta uma instituição com a qual grande parte da população tem ou teve algum contato direto, ou pelo menos os chamados “escolarizados”. Todas as sociedades construíram o seu próprio modelo de escola, nesse aspecto, é válido que se faça algumas indagações pertinentes: “Por que frequentamos a escola?”; “Qual o real papel da escola na sociedade?” Uma resposta plausível seria que a função da escola é educar. Portanto, nesse momento, faz-se necessário a distinção entre escola e educação.

Etimologicamente, educação é uma palavra de origem latina composta por duas outras: “e” ou “ex” que significa de dentro de, para fora; e “ducere” que significa tirar, levar. Portanto, educação representaria o processo de tirar de dentro de uma pessoa ou, levar para fora de uma pessoa algo que já lhe é inerente. Neste sentido, o termo educação supõe que a pessoa possui potencialidades próprias que podem ser desenvolvidas através do processo educativo.

Partindo de um olhar um pouco mais arguto percebe-se, no entanto, que, de um modo geral, as Instituições de Ensino são utilizadas como aparelho ideológico para manutenção e reprodução dos interesses e valores defendidos e, muitas vezes, impostos pelo modelo de sociedade vigente, visando assim a perpetuação irreflexiva deste modelo.

Com base no argumento exposto, pode-se avançar um pouco mais nesta linha de raciocínio e indagar: “A escola e as instituições de ensino estão realmente cumprindo o seu papel de educar?”; “Que tipo de educação temos recebido por parte dessas instituições: educação para a autonomia e liberdade ou para a reprodução e servidão?”

Tentando solucionar tal questão, o pensador austríaco Ivan Illich propõe em um de seus mais reconhecidos trabalhos, a “desescolarização” da sociedade ou, a sociedade sem escolas. Apesar de ser uma linha de pensamento um tanto quanto radical, serve de alerta aos educadores para que estes reflitam no sentido de romper com a estrutura secular da escola que atua em torno da reprodução do *status quo*.

É preciso caminhar em busca de conceber um novo tipo de escola, escola esta,

voltada principalmente para a tentativa de resgatar e pôr em prática o que realmente significa a origem etimológica da palavra educar. Ou seja, resgatar de dentro do aluno aquelas potencialidades que lhe são inerentes a fim de aperfeiçoá-las, não as inibir.

## **Tom Zé e a educação para a vida**

Segundo José Carlos Köche, (2011, p.24),

O homem é um ser jogado no mundo, condenado a viver a sua existência. Por ser existencial, tem que interpretar a si e ao mundo em que vive, atribuindo-lhes significações. Cria intelectualmente representações significativas da realidade. A essas representações chamamos conhecimento.

O processo de construção do conhecimento pode ser enquadrado em basicamente duas vertentes de teorias de aprendizagem. A primeira seria a vertente dos condicionamentos, que concebe a aprendizagem como sendo realizada através de estímulos, pelo processo de imitação e repetição. Conforme ocorre o estímulo, se processa uma resposta de forma repetitiva e autômata.

Se observarmos com a devida atenção, perceberemos que a maioria dos métodos de ensino utilizados são baseados nesta vertente de estímulo – resposta. Os professores dão os exemplos e os alunos simplesmente reproduzem e repetem mecanicamente o que lhes é pedido sem maiores reflexões. É a famosa “Educação Bancária” a que Paulo Freire faz referência.

A segunda vertente parte de uma concepção que se pode chamar de dialogal. Nesta vertente, aprender e ensinar envolve mais do que uma simples repetição mecânica, pois inclui o próprio educando como sujeito ativo em constante transformação na dinâmica busca e produção do conhecimento junto ao educador. Tal vertente tende, dessa forma, a aproximar-se mais do conceito de “educação” da forma como etimologicamente ela é concebida.

É com base nesta vertente de ensino mais humana que se pretende aqui introduzir o paralelo entre a obra de Tom Zé e as possíveis leituras que se podem fazer no sentido de levar o docente a uma educação voltada para a emancipação do aluno, e não mais para a sua submissão.

Por ser um músico totalmente não-convencional, Tom Zé rompe com boa parte dos aparelhos ideológicos de reprodução da sociedade, fugindo assim, da maioria dos padrões impostos na tentativa de institucionalizar a arte. Dono de uma capacidade para estar se reinventando e recriando a cada momento, é um genuíno inovador por natureza, rebelando-se contra os padrões vigentes que tentam (sem sucesso) enquadrá-lo em

alguma espécie de classificação (gênero musical). Daí a razão de tanto potencial criativo ainda preservado.

Por apresentar-se sempre aberto ao novo, assume uma postura rebelde diante do sistema comercial produtor de músicas descartáveis que obedecem apenas aos ditames do mercado fonográfico e da indústria cultural, que visam, sobretudo, o lucro. Às vezes, chega a ser classificado como uma “pessoa estranha” pelo simples fato de que é muito difícil enquadrá-lo em alguma classificação específica.

Torna-se praticamente impossível rotular o trabalho de um personagem tão criativo e exótico. A essa tentativa corre-se um grande risco de, na manhã seguinte, com o imenso poder de reinvenção que lhe é nato, ele mesmo já poderá estar se “desclassificando” do rótulo que lhe possa ser atribuído, e, quem sabe até se “requalificando” a um outro que possam tentar enquadrá-lo.

Em 2005, Henri Laurence, Gerente de Projetos da Jazz & World Music Sony/BMG, fez o seguinte comentário a respeito de Tom Zé:

Algumas músicas dele me fazem chorar. Isto é uma confissão que estou fazendo aqui. Sua música é todas as dimensões da música em uma só. Talvez ele seja todas as dimensões de um homem juntas. Ele diz que ele é uma mulher. Isto é ótimo. Porque é óbvio que ele é completamente um homem. Mas ele tem a alma de uma mulher. Ele é sensível. E ele incorpora todas essas dimensões e convive muito bem com elas. Isso é único. (Documentário: Fabricando Tom Zé, 2006)

Diante de tal artista, mais alguns questionamentos seriam agora pertinentes: provavelmente o menino e o adolescente Antônio José Santana Martins (Tom Zé) frequentou as escolas e, certamente tem um nível de “escolaridade”. Porém, como ele conseguiu preservar todo o seu talento e potencial criativo no modelo de escola tradicional vigente? Este modelo é o que trata, em sua quase totalidade, os alunos como se não fossem seres existenciais, pensantes, sensíveis, subjetivos e que, provavelmente deve ter sido uma das grandes dificuldades para Tom Zé, que felizmente sobreviveu para a escola da vida.

## O acordo tácito

Para incrementar a discussão, o chamado “acordo tácito” pressupõe a existência de um consenso entre ambas as partes, sem, no entanto, haver nenhuma documentação formal que venha a tornar explícito tal acordo. O mesmo é aceito pelas partes de forma quase imperceptível, ou seja, não há um questionamento sobre como se originou o

referido acordo. Simplesmente percebe-se uma aceitação mútua dotada de uma sutileza que o torna praticamente à prova de dúvidas.

Partindo deste conceito genérico, Tom Zé desenvolve um conceito um pouco mais complexo de “acordo tácito” voltado especificamente para o universo musical. Toma-se aqui por base a sensação que o próprio Tom Zé sempre afirmou ter desde o início de sua carreira de não conseguir fazer uma canção que satisfizesse o ouvinte tanto sob o aspecto da letra quanto sob o aspecto da melodia. Portanto, o “acordo tácito” entre público (ouvinte) e o cantor/compositor/intérprete pressupõe a existência de uma melodia harmônica acompanhada de uma letra poética, conforme bem define Vargas (2012, p.284):

[...] a situação foi o ponto de partida para sua estratégia de desmontar algumas estruturas que vigoravam na criação da canção e na maneira de ela ser compreendida. Martelava sua mente a busca por reorganizar o que chamava de “acordo tácito” (ZÉ, 2009) entre público e cantor/músico, espécie de empatia de caráter emotivo que fazia com que o ouvinte reconhecesse e aprovasse, a partir de determinados códigos, os sentidos propostos pelo compositor e pelo intérprete da canção. Letra, melodia e a performance do cantor no palco (o “corpo-cancional”) eram objetos, ações e espaços que provocavam a aceitação, desde que estivessem nos formatos compreendidos.

Ciente da impossibilidade de se enquadrar no “acordo tácito” vigente, posto que o mesmo não possuía os atributos necessários a um cantor/compositor (como por exemplo o padrão de voz exigido), Tom Zé parte para a desconstrução de tal acordo e a busca de um enquadramento em um novo tipo de acordo entre público e cantor. Para tanto, o mesmo utiliza como uma das principais estratégias o que ele chama de “choque de realidade”.

Na reconstrução deste novo acordo utiliza a sua capacidade inventiva para apresentar ao público uma nova forma de se expressar musicalmente, criando assim, uma maneira completamente singular de interagir, utilizando-se tanto dos instrumentos musicais convencionais como sons completamente inovadores, encontrados no cotidiano, tais como: gargarejos, gritos, furadeiras e até mesmo enceradeira. Como bem atesta o próprio cantor com toda a propriedade em um depoimento para o Documentário *Fabricando Tom Zé*, de Décio Matos Júnior (2006): “O que me salvou foi que eu sou um péssimo compositor, um péssimo cantor e um péssimo instrumentista. Então, quem é péssimo, tanto faz tocar piano como tocar enceradeira!”. Entenda-se o “péssimo” a que ele se refere, sob o ponto de vista do “acordo tácito” vigente.

De posse de um novo conceito de acordo tácito apresentado por Tom Zé, pretende-

se esboçar/sugerir, mesmo que de forma superficial, a existência de um outro tipo de “acordo tácito” existente no campo educacional, sobretudo nas universidades brasileiras. A proposta aqui é levantar a hipótese de um “acordo tácito” existente entre alunos e professores em que, os primeiros fingem que aprendem, enquanto os segundos fingem que ensinam. Tal afirmativa sugere um campo de pesquisa muito amplo (o que não é o escopo deste trabalho) e pode ser utilizado como proposta para trabalhos futuros.

Para fortalecer as bases desta afirmação, basta levantar-se alguns temas como: por quê não existe interesse ou empenho para que se defina claramente um perfil para o docente do ensino superior? Por que existe uma carência tão grande de cursos de especialização voltados para o docente do ensino superior? Por que a pesquisa é tão pouco estimulada nas universidades privadas? Por que não existe um maior incentivo por parte das universidades (tanto públicas quanto privadas) para que seus alunos dos cursos de graduação produzam mais trabalhos científicos?

Enquanto o ensino, a pesquisa e a extensão não deixarem de ser teoria vã e passarem a formar na prática o tripé que solidifica a função das universidades, e talvez incluir a cultura nesta equação, esta instituição secular continuará exercendo a sua função social de forma apenas parcial e a citação de Tom Zé apresentada abaixo, infelizmente continuará sendo uma triste realidade:

Um dia tive a experiência de como estudar era *diminuir* a sensibilidade e não aumentar. Quando era criança, qualquer pessoa que perguntasse em Irará: “Vai chover?”, você ia ali, botava a mão na janela, ficava conversando e depois dava uma opinião. Era normal. Você tinha o hábito de sentir a umidade do tempo, o vento como passava, os humores da pressão atmosférica, tudo era por uma espécie de exame de acupunturista, aqueles pontos do punho. Um dia no ginásio me perguntaram: “Vai chover?” Botei o braço do lado de fora, fiquei conversando e tal, quando dei opinião todo mundo estava morrendo de rir. Nunca mais botei o braço do lado de fora para saber se ia chover. Consultava o jornal. Jogava no mato aquela conversa com as alternâncias e as estações. Fiquei mais morto, mais civilizado. (ZÉ, 2003, p.252-253,).

Falta à universidade um pouco mais de humildade (e porque não dizer sensibilidade) para compreender que não só o saber científico é importante, pois, sem as bases empíricas, o saber proveniente das relações humanas e com o mundo, que podem ser buscadas no seio da sociedade e inclusive através do trabalho de extensão (um dos tripés que formam a Universidade), este saber científico pode vir a tornar-se apenas um academicismo destituído de qualquer valor para a sociedade.

## A importância educativa da música “TÔ”: um estudo de caso

Para tornar ainda mais evidente a obra de Tom Zé no campo educativo, optou-se por trazer para objeto de análise uma peça de sua autoria intitulada: “Tô”. Essa música é parte integrante do disco lançado em 1976, chamado “Estudando o Samba”. O próprio título do disco sugere uma predisposição do autor no sentido de estar sempre aberto ao ato de aprender, apresentando-se como um eterno aluno na busca do conhecimento.

Tô bem de baixo pra poder subir / Tô bem de cima pra poder cair / Tô dividindo pra poder sobrar / Desperdiçando pra poder faltar / Devagarinho pra poder caber / Bem de leve pra não perdoar / Tô estudando pra saber ignorar / Eu tô aqui comendo pra vomitar / Eu tô te explicando pra te confundir / Eu tô te confundindo pra te esclarecer / Tô iluminado pra poder cegar / Tô ficando cego pra poder guiar / Suavemente pra poder rasgar / Olho fechado pra te ver melhor / Com alegria pra poder chorar / Desesperado pra ter paciência / Carinhoso pra poder ferir / Lentamente pra não atrasar / Atrás da vida pra poder morrer / Eu tô me despedindo pra poder voltar. (Tô - Tom Zé. Do disco Estudando o Samba, 1976).

O escopo do presente trabalho pretende fazer uma análise apenas no que diz respeito ao aspecto da composição literária dessa obra (ou seja, apenas a letra da música será considerada para objeto de análise), em virtude da total ausência de conhecimento no que se refere ao aspecto da composição musical. Porém, para não deixar lacuna tão importante por preencher, segue-se um depoimento do músico David Byrne sobre Tom Zé:

As pessoas aqui na América do Norte e na Europa ficaram interessadas quando ouviram Tom Zé. Eles sabiam que nada como aquilo tinha existido e ainda estava rolando no Brasil. Eles imaginaram que é tudo Bossa Nova ou algo parecido. Então eles ficaram muito surpresos ao ouvir isso. Muitos dos brasileiros com quem eu conversei aqui em Nova Iorque, quando eu lhes disse que eu estava lançando discos do Tom Zé, a reação deles foi: “Por que Tom Zé?” Nós temos esta belíssima música, cantores maravilhosos, poetas, cantores clássicos, tantos deles. Por que escolhe justo este? Por que você quer trabalhar com esta pessoa estranha? Por que não um de nossos intérpretes clássicos da MPB, ou alguém assim? E eu respondi: bem... eu acho que as pessoas conhecem algumas destas outras pessoas. Eles têm mais oportunidades e eu achava que, de uma certa forma, Tom Zé tinha uma ligação maior com a cena 'underground' Nova-Iorque. (David Byrne no Documentário: Fabricando Tom Zé, 2006).

Logo no título da letra, Tom Zé faz uso da liberdade literária presente em boa parte de suas composições musicais para trocar a palavra “estou” simplesmente por uma linguagem coloquial bem mais próxima da realidade falada. Ou seja, “tô”. Esta sutil mudança já coloca a obra bem mais próxima do público comum à quem fala do que

necessariamente a um requisito da formalidade gramatical.

Após a simplicidade do título da letra, inicia-se um processo dialético de contraposição de frases em que se pode tomar para a análise variantes diversas. Além da riqueza dialética, as sentenças vão assumindo um caráter filosófico, instigando o leitor a refletir sobre cada frase. O que mais impressiona é como pode se tratar de temas tão profundos e complexos como filosofia e dialética sendo apresentados assim de forma aparentemente tão simples de se entender.

Acrescente-se a isto o caráter eminentemente didático-pedagógico nas colocações contraditórias que convidam à reflexão como, por exemplo: “tô estudando pra saber ignorar”; “eu tô te explicando pra te confundir”; “eu tô te confundindo pra te esclarecer”; “tô ficando cego pra poder guiar”.

Trazendo para o debate aqui proposto, isso rompe completamente com os modelos tradicionais de se compreender o processo educativo de ensinar e aprender. Além de colocar em xeque a forma hierarquizante do academicismo presente nas universidades, onde as titularidades dos acadêmicos parecem assumir uma importância bem maior do que deveria. Parece até que os acadêmicos assumem uma postura de imortalidade. Como se fossem eternos. Poderíamos tomar emprestado o próprio título da música do Tom Zé para formarmos a seguinte colocação: Não se é acadêmico. Se está acadêmico. (Parafraseando Eduardo Portela que, quando Ministro da Educação, disse: “Eu não sou Ministro. Eu estou Ministro.”).

Quando se assume uma postura de “ser”, corre-se um imenso risco de tornar-se estático, portanto, de parar de pensar, de refletir. Enfim, de tornar-se um ser mumificado, apodrecido. O próprio termo “grade” curricular, utilizado academicamente, mostra a tentativa de engessamento. Porém, ao se assumir uma postura dinâmica de “estar”, opta-se por uma reflexão constante, em movimento contínuo, portanto, atento e ciente de que, ao ensinar, estaremos sempre passíveis de aprender algo mais. O “estar sendo” nos manterá sempre mais próximos do pensamento dialético e filosófico, pensamentos estes tão necessários à prática docente.

Para finalizar o estudo de caso sobre esta letra, além dos aspectos já abordados, acrescente-se a riqueza poética na concatenação das sentenças e o poder lúdico também presente em todo o corpo do texto. Características estas de suma importância no processo educativo de construção de qualquer conhecimento. Como bem lembrado por Darcy Ribeiro ao falar sobre a ludicidade na alfabetização: “Só é certo que alfabetização como brincadeira divertida funciona. Muitíssimo melhor do que se a alfabetização leva a

carga paralisante de qualificar ou desqualificar socialmente quem a domina ou não.” (RIBEIRO, 1997, p.45).

## Considerações finais

Compreende-se que toda atividade docente deverá estar também pautada por um ato reflexivo sobre a sua prática didático-pedagógica. Caso isto não ocorra estaremos contribuindo simplesmente para a continuidade do modelo da mera repetição de conteúdos e fortalecendo a educação bancária, não-libertadora.

Para que se possa contribuir com uma educação realmente emancipatória, faz-se necessário emergir um novo pensamento e romper-se com as práticas pedagógicas que condicionam os alunos a sujeitos passivos e meros repetidores de conteúdos, como se os mesmos fossem destituídos de criatividade, vontades e necessidades. Precisamos compreender que a complexidade do saber não nos permite quantificá-lo objetivamente como se o mesmo fosse igual para todos. Desta forma estaríamos desconsiderando a subjetividade de cada pessoa. O saber, no seu sentido original significa sentir o gosto. Perceber o gosto de uma coisa. Ou seja, o saber se apresenta como uma experiência subjetiva, e como tal, única, singular, pessoal, irrepetível.

Não se pode dizer que existe um “saber mais” ou um “saber menos”, simplesmente porque não se tem um ponto de comparação do que seria o ideal. Apenas se pode inferir que existem saberes distintos e que cada um possui singular valor. Não existe um critério comum para se comparar saberes, em função da subjetividade inerente aos mesmos, mas se pode afirmar que todos têm, de alguma forma, algo a ensinar, e todos a aprender.

Para finalizar, eis um belo, poético e profundo conceito de educador na visão de Paulo Freire:

O verdadeiro educador é aquele que é capaz de praticar uma Páscoa, isto é, morrer a seus critérios, e a seu esquema cognitivo, a seu esquema lógico, sempre que entrar em contato com um educando, para poder depois, com o educando, ressuscitar numa nova relação de vida e liberdade. (Apud Guareschi, 2008, p.109).

## Referências

AGUIAR, P.S. *O docente de artes no ensino superior: reflexão sobre formação, competências e saberes necessários*. 2002. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/c206035.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c206035.pdf)>. Acesso em: 11



abr. 2014.

Campus Virtual Estácio de Sá. Disciplina: *Metodologia da pesquisa*.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Magistério: construção cotidiana. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEDERJ. *A Didática e a formação dos educadores em diferentes abordagens pedagógicas*. p.17-38. Disponível em: <[https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/cederj\\_didatica\\_formacaoprof\\_tendencias.pdf](https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/cederj_didatica_formacaoprof_tendencias.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

*Fabricando Tom Zé*. JUNIOR, D.M. Documentário. Goiabada Productions. DVD: 89min. São Paulo. 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, D.S.; BARREIRO, C.B. *É possível fazer a diferença? Faça disto uma motivação!* IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1991/586>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

GUARESCHI, P.A. *Sociologia acrítica: alternativas de mudança*. 61. Porto Alegre, RS. Mundo Jovem. 2008. Cap. XIV- O Aparelho Ideológico da Escola. p.99-110.

ILLICH, IVAN. *Sociedade sem escolas*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1985. Disponível em: <<http://www.libertarianismo.org/livros/iisse.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

KÖCHE, J.C. *Fundamento de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

MIZUKAMI, M.G.N. *ENSINO: As abordagens do processo*. São Paulo: EPV. 1986. Disponível em: <[http://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1\\_2014/abaetetuba/tomeacu2011/ensino\\_as%20abordagens%20do%20processo.pdf](http://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1_2014/abaetetuba/tomeacu2011/ensino_as%20abordagens%20do%20processo.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2014.

RIBEIRO, D. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

Saviani, D. *Escola e democracia*. 41. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

VARGAS, H. *As inovações de Tom Zé na linguagem da canção popular dos anos 1970*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 279-291, dez. 2012.

VASCONCELOS, M.C.; AMORIM, D.C.G. *A docência no ensino superior: uma reflexão sobre a relação pedagógica*. 2008. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkg%2Fgroups%2F21691971%2F1516932394%2Fname%2FA%2BDOCENCIA%2BNO%2BENSINO%2BSUPERIOR%2BUMA%2BREFLEXAO.pdf&ei=Voe2U76EKKmqsQTZrIHwCg&usq=AFQjCNFijBOvGrxZ>>

[AKbEadHu7JgkUz0AYw&bvm=bv.70138588,d.cWc>](#). Acesso em: 17 mar. 2014.

ZÉ, T. *Estudando o Samba*. LP. São Paulo. Continental. Produção: Heraldo do Monte. 1976.

ZÉ, T. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha. 2003.

Submetido em 07-09-2014, aprovado em 23-11-2015